

Colatina abre reserva para pesquisa e turismo

Formada por remanescentes da Mata Atlântica, a reserva biológica de Itapina foi criada em 1990

NILO TARDIN



Nilo Tardin

O cabo Élio é a favor da soltura dos pássaros

Feras e índios habitavam a região

As sobras de mata atlântica nos chapadões, sopés das montanhas e nas grotas que existem na reserva florestal lembram pouco a exuberância das quase inexpugnáveis florestas do Rio Doce, ainda descritas com saudades pelos velhos moradores da região.

A ferocidade dos índios botocudos que às vezes atacavam os trabalhadores da estrada de ferro, que chegou a Itapina em 1907; a profusão de animais, como onças, antas, capivaras, macacos, tatus, veados, inclusive o peixe-boi, nas águas do Rio Doce, são lembranças que não se apagam da mente dos idosos, além dos relatos de viajantes estrangeiros e do engenheiro Ceciliano Abel de Almeida, no livro "O Desbravamento das Selvas do Rio Doce".

Fauna

Colatina - Sucursal - Ainda desconhecida da maioria dos colatinenses, a reserva biológica pública de Itapina, remanescente da Mata Atlântica, abriga em seus grotões, longe das áreas degradadas, uma exuberante vegetação natural formada por árvores centenárias, cipós, plantas medicinais, samambaias, orquídeas e bromélias, além de uma grande variedade de animais silvestres.

No momento em que a Organização das Nações Unidas (ONU) declara 2002 o Ano Internacional do Ecoturismo (International Year Ecotourism), o portão da inexplorada reserva, de mais de um milhão de metros quadrados, será aberto à pesquisa e ao turismo ambiental pela Companhia Colatinense de Saneamento Ambiental (Sanear), administradora da área.

Criação

O parque ecológico municipal foi criado no final da década de 90, depois que a Câmara dos Vereadores de Colatina decidiu aprovar a desapropriação das terras, para evitar o desflorestamento da nascente que abastece Itapina. O povoado nasceu nos primei-

ros anos do século XX e está prestes a se tornar a primeira cidade histórica do Norte capixaba, com o tombamento do casario que mistura art decór e o colonial brasileiro.

O antigo dono da reserva florestal havia desmatado a área de cabeceira do Córrego Fortaleza, para plantar café, inclusive, com autorização do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf). O protesto e alerta dos moradores surtiu efeito, porque o terreno, aos poucos, vem sendo recuperado, com a plantação de 4 mil mudas de árvores nativas e frutíferas nas áreas de pastagens e lavouras, diz o diretor da Sanear, Cleuber Melotti.

"Mesmo que a vegetação

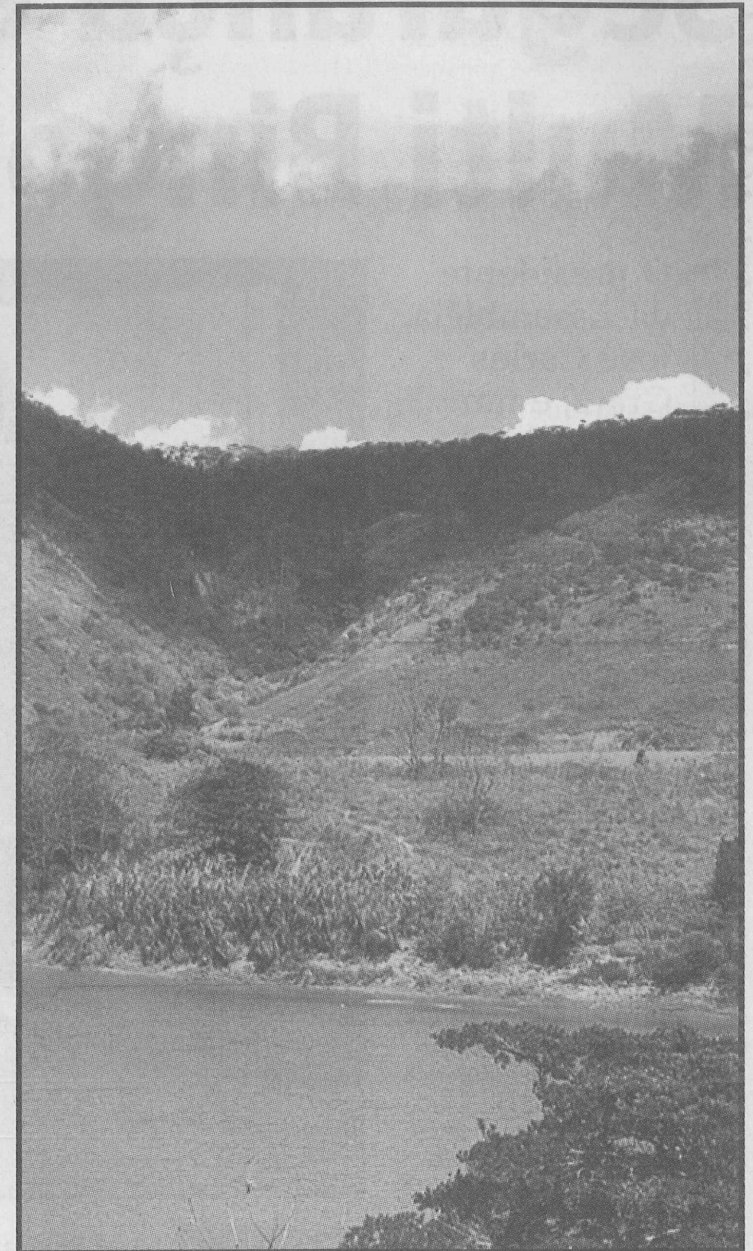
se regenere espontaneamente, a interferência do plantio enriquece a área. Ela está sendo preparada com criação de trilhas para caminhadas e visitas monitoradas, para se integrar ao plano diretor que objetiva incrementar o turismo na região", informa Melotti.

Cleuber Melotti acrescentou que recursos estão sendo viabilizados, a fim de financiar uma pesquisa científica proposta por ambientalistas da seção capixaba do Movimento Pró-Rio Doce, professores e estudantes de ciências biológicas de Santa Teresa, para a elaboração de um banco de dados e imagens da biodiversidade daquele parque ecológico.

TURISMO

Projeto prevê alto investimento

Agora, um trabalho técnico tenciona unir o patrimônio natural e cultural e explorar a parte montanhosa, para engrenar de vez o turismo como indústria e não algo improvisado. Mas se população de Itapina venceu a guerra pela posse da água, outra batalha bem mais trabalhosa está por vir. O plano de manejo da reserva intitulada pelo setor de Meio Ambiente da Sanear, de Unidade de Conservação Rio Doce (Ucard), precisa receber investimentos estimados na ordem de R\$ 3,5 milhões, para recuperar as áreas degradadas e transformadas em pastagens e lavouras, calcula a agrônoma da Sanear, Patrícia Paiva Rodrigues.



Nilo Tardin

PROTEÇÃO

Apesar de bastante degradada, a área ainda tem grotões intactos, onde se abrigam variedades da flora e da fauna silvestres

Mesmo com a biodiversidade reduzida pela pressão do desmatamento, vivem na Reserva Florestal de Itapina, o barulhento macaco-barbado, o sagüi da carabranca, tatu, porco-espinho, paca, mutum, jacutinga, cotia, papagaio e araras, entre outros mamíferos e aves. O funcionário público aposentado Jaime Guimarães Filho, 75 anos, recorda da presença constante dos animais nos arredores e até no centro do vilarejo.

Jaime conta que, aos 7 anos de idade, os pais mandavam ficar longe da Mata do Queixada, porque ali viviam perigosas famílias de onças pintadas. “Às vezes, bandos de catitus e veados galheiros atravessavam a rua de Itapina, correndo em direção ao Rio Doce. A fartura de carne era tanta que ninguém ligava. Na década de 40, as onças foram abatidas por caçadores”, afirmou Jaime.

Mas a memória ancestral de convivência com os bichos não foi perdida pelos moradores da região, garante o cabo da PM Élio Barcelos Ferreira. Segundo ele, uma campanha libertou de vez todos os pássaros que viviam engaiolados na sede de Itapina. “Canários-da-terra, bigodinhos e sabiás podem ser vistos aos bandos por aqui”, avisa.

Morador de Itapina e vereador, Jacimar Dalla Fontes Filho diz que o projeto de pesquisa da biodiversidade na reserva significa revelar os segredos da mata, através de vídeos, fotografias e áudio das plantas, animais e insetos. “A reserva precisa de mais apoio, sobretudo, de mão-de-obra destinada ao plantio de matas nos topos dos morros, visando a garantir a perenidade das nascentes”, disse.

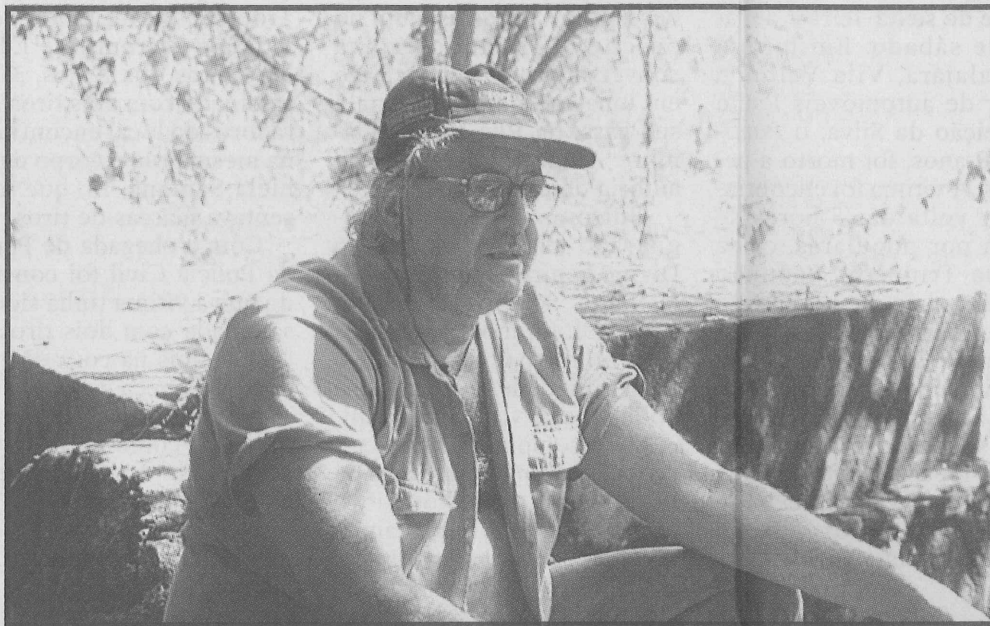
Tempo ajuda a revigorar nascente

A natureza e a arborização ao redor da mina d'água abastecedora de Itapina provocaram a revigoração da nascente, que aumentou de volume nos últimos dois anos.

Quem afirma são os servidores destacados pela Sanear para cuidar da Unidade de Conservação Rio Doce (Ucard), Carlos Lebarch, 48 anos, e João Alonso Moreira, 41 anos. Há dois anos

e meio eles vigiam o terreno. Destacam que não há registros de invasões para roubo de palmito ou orquídeas, nem conflito com criadores de gado vizinhos. Segundo Lebarch, a água

da reserva abasteceu durante décadas as caldeiras das locomotivas Maria Fumaça, da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM). De lá eram tiradas também a lenha e madeira para dormentes. “Parte do encanamento de ferro saindo da barragem ainda existe. Ia direto para a caldeira do trem, contam as pessoas que viveram naquele tempo. Incrições datadas de 1946, feitas no cimento, também comprovam isso”, acentua Lebarch. João Alonso frisou que há oito anos conhece a propriedade. “Mesmo com a maior seca, a nascente continua jorrando com força”, disse.



Nilo Tardin

PAZ

Carlos Lebarch diz que vigia o terreno há dois anos e que não tem registrado invasões da área para roubo de palmito ou orquídeas

Mata já foi considerada área rica

Na visão do engenheiro florestal José Carlos Loss Jr., as manchas verdes revelam que a mata era muito rica, mas o solo pobre propiciou um avançado estágio de degradação. “O solo indica que ali era uma área de grandes árvores de madeira de lei, como a peroba, cedro, jacarandá, angico e o gigante jequitibá, formando um ambiente favorável à sobrevivência de centenas de espécimes animais.”

“A regeneração natural é o primeiro estágio para recompor o ambiente da reserva, que depois pode ser enriquecido com o plantio de espécies nativas. De urgente, precisamos usar a função da floresta para estabilizar o solo e aumentar a infiltração de água”, explicou Loss.

Contudo, mesmo na pequena porção que resta, o perigo do fogo é uma preocupação constante dos funcionários do parque e donos de matas particulares. As conseqüências podem ser sinistras, no caso um incêndio florestal. A inexistência de uma brigada de combate a queimadas e o acesso difícil tornam o quadro mais dramático. “As condições da estrada são o maior impedimento em caso de acionar o Corpo de Bombeiros. A limpeza da área e a construção de aceiros próximos à cerca da reserva são as providências que tomamos com frequência, para evitarmos problemas com o fogo”, disse.

Plano prevê construção de passarela

A retomada das obras da velha ponte inacabada sobre o Rio Doce, que vai ligar Itapina à BR 259, é vital para a implantação do ecoturismo na região, segundo o prefeito de Colatina, Guerino Balestrassi, lembrando que também é necessário o asfaltamento do percurso de sete quilômetros de estrada de barro que dá acesso à vila.

O tombamento e a restauração de 31 imóveis de expressão histórica do vilarejo, o plano de visitação da reserva ecológica, o estímulo à pesca esportiva e a construção de uma parada às margens da BR 259 são o conjunto de ações com as quais se pretende revitalizar o lugarejo, que ficou esquecido durante mais de 50 anos às margens do Rio Doce, depois do fim do ciclo do café, que sustentou a riqueza da região.

O projeto de incremento ao turis-

mo ambiental foi reformulado e está orçado em pouco mais de R\$ 1 milhão. Atualmente, uma balsa faz a travessia de cerca de 100 moradores, diariamente, pelo Rio Doce.

As obras da ponte foram paralisadas em 1959, conforme depoimentos de antigos moradores. A vila de Itapina viveu momentos de esplendor e riqueza em meio à mata virgem, no início do século passado, sob o signo do café, sendo que lá foi instalado o primeiro telefone da região.

Atração

De acordo com Guerino Balestrassi, a Reserva Florestal é um dos grandes atrativos aos adeptos do ecoturismo. “A concepção de viajar e conhecer lugares modificou no século XXI, com o turismo de aventura e exploração. As viagens para áreas

naturais são cada vez mais expressivas e contribuem para a conservação do meio ambiente, além de promover o bem-estar da comunidade. Entretanto, pouco adianta se não pudermos oferecer uma consistente estrutura de transporte e hospedagem”, raciocina o prefeito Guerino.

Já o presidente da Sanear, o arquiteto Frederico Freire, afirma que o projeto de acabamento da velha ponte foi modificado. Em vez de terminar o serviço em concreto, a nova proposta é usar estruturas metálicas. “Os cálculos estruturais e estudos estão sendo feitos visando à captação de recursos. A estrutura metálica, inclusive pilares, barateou o término da passarela em mais de R\$ 500 mil. A idéia é de que seja usada somente para pedestres e veículos leves de transporte”, reiterou Freire.